

Primavera 1996

# DOURO 1

ESTUDOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**DIRECÇÃO:**

Fernando Bianchi de Aguiar (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

Alberto Amaral (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**COORDENADOR:**

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Instituto do Vinho do Porto/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (CNRS/Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)

Henrique David (História Contemporânea/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

**SECRETARIADO:**

Natália Favrelle Costa, Paula Montes Leal

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 1559 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156

**Fotografia da capa:** Vindimas na Quinta da Soalheira. Fotografia de Alvão, ca. 1940 (Col. IVP)

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# SUMÁRIO

## Editorial 7

O GEHVID, um projecto, uma equipa 9

## Estudos 17

A comarca de Ribacôa no Tratado de Alcañices  
José Ignacio de la Torre Rodriguez 17

O Comércio de vinhos do Douro com o Brasil ao longo do século XVIII  
Francisco Ribeiro da Silva ■ António M. de Barros Cardoso 29

O alvará de instituição da companhia e os motins do Porto de 1757  
António M. de Barros Cardoso 57

Nas origens da casa do Douro  
Vital Moreira 79

A produção de famílias – o comércio na história  
Jean Lave ■ Paul Duguid 97

A Região na aldeia – uma etnografia sobre a produção local  
de regionalidade, no Alto Douro  
Shawn Parkhurst 121

A região do vinho do Porto. Origem e evolução  
de uma demarcação pioneira  
Gaspar Martins Pereira 179

## Documentos 199

Um manuscrito inédito sobre o Douro Superior em finais do século XVIII  
Aurélio de Oliveira (Introdução e notas) ■ Natália Favrelle Costa (Transcrição) 199

## Relatórios e notas de pesquisa 263

A estação arqueológica da Quinta da Ervamoira – Muxagata, V. N. de Foz Côa  
Gonçalves Guimarães 263

Alguns apontamentos sobre a estação arqueológica  
de Vilarinho de Cotas – Alijó  
Carlos Alberto Brochado de Almeida 266

Sepulturas cavadas na rocha: conjunto da Quinta da Relva de Baixo  
(Longroiva – Meda)  
João M. Viana Antunes / Pedro Baère 270

Organização do povoamento e dos territórios no Vale do Douro durante a  
Idade Média – continuidades e rupturas  
Equipa de Arqueologia Medieval 276

## Notícias 291

## Agenda 297

## Sepulturas cavadas na rocha: conjunto da Quinta da Relva de Baixo (Longroiva – Meda)

A pequena povoação de Relva de Baixo, de tipo concentrado, pertence ao concelho da Meda, freguesia de Longroiva. Posicionada a Nascente desta freguesia alti-duriense, estende-se pela margem direita do Ribeiro dos Piscos, um pequeno afluente do Côa.

Localizado no pequeno planalto da Sapata, numa zona onde predominam os afloramentos graníticos, este núcleo de sepulturas acompanha uma terra com óptimas condições para o cultivo da vinha, amendoeira e oliveira, mas pontuada aqui e além pela flora beirão, onde se destacam as giestas e os carrascos.

As condições climáticas, bem definidas pelo irregular regime de pluviosidade, atingem grandes amplitudes térmicas que, conjugadas com as condições geo-morfológicas, permitem produzir vinhos de excelente qualidade, bem como outros produtos de cariz mediterrânico.

A prospecção do terreno, por nós efectuada, destinava-se à detecção de lagares ou estruturas associadas ao cultivo da vinha na época romana. Vestígios deste período, temo-los no vizinho castelo de Longroiva, onde se destaca uma ara votiva que serve de suporte ao altar da capela dedicada a Santa Maria e os vestígios de construções, cujo aparelho denota técnica romana<sup>1</sup>. Vestígios da mesma altura igualmente aparece na Vale da Aldeia, com destaque para as *tegulae* e a cerâmica comum da época romana. Nesta pontificam os *dolia*, afinal um claro indício da existência de recipientes destinados à armazenagem de líquidos que, no caso vertente, é bem provável que se tratasse já do vinho.

Se a pesquisa de campo na Relva de Baixo resultou infrutífera no que toca à detecção de indícios materiais relacionados com a romanização, tornou-se, apesar de tudo, reveladora de uma humanização da zona em tempos que remontam, pelo menos à Alta Idade Média. Não encontramos, é certo, sinais de povoado ou de construções daquela altura, mas o simples facto de aqui haver esta pequena necrópole é ideia que sustenta a permanência de um certo tipo de povoamento que tiraria da terra a sua sobrevivência.

A inexistência de quaisquer sinais evocativos de igreja ou capela nas imediações, ou sequer alguma tradição que eventualmente coloque um templo no local,

**1** Ver a ara e sua inscrição.

faz-nos pensar num pequeno povoado primitivo anterior à organização eclesial, tal como os exemplos que têm vindo a ser estudados na vizinha Espanha, concretamente na Catalunha<sup>2</sup> e em Portugal<sup>3</sup>. Com efeito, a presença de um conjunto de sepulturas implica, na maior parte dos casos, a existência de uma comunidade típica do mundo rural<sup>4</sup>. Se adoptássemos as opiniões de Bolòs e Pagès, tais vestígios poderiam estar conectados com um eremitério ou com núcleos de povoamento anteriores à organização paroquial<sup>5</sup>, mas se estivermos de acordo com a análise que Mário Barroca traça sobre esta temática, após rebater Bolòs e Pagès<sup>6</sup>, clarificam-se as seguintes ideias:

- uma mesma paróquia pode pressupor vários locais de enterramento, próximos ou afastados das igrejas, dependendo de condicionalismos e factores geográficos;
- as vias de comunicação podem ser determinantes para a localização de pequenos conjuntos sepulcrais.

A necrópole de Relva de Baixo está situada junto a um caminho de servidão às muitas propriedades e na nossa opinião a sua localização tem muito a ver com as ideias propostas por Mário Barroca. Há efectivamente um caminho, que através do planalto, fazia a ligação ao vale da Aldeia e, concomitantemente, ao primitivo aldeamento de Longroiva, disposto em redor das estruturas que irão gerar o castelo medieval; haveria um núcleo populacional que pode estar na origem da actual Relva de Baixo. Parece ser também notório que, mercê dos condicionalismos geo-climáticos, já na altura o povoamento se fazia por núcleos dispersos e concentrados, por vezes tão minúsculos que não justificavam a presença de uma igreja ou mesmo de uma simples capela. Por isso, se este núcleo de povoamento, com o seu cemitério, não for anterior a estruturação paroquial – actualmente este lugar pertence administrativa e eclesialmente à freguesia de Longroiva – teremos que o colocar em sintonia cronológica com as sete sepulturas cavadas em redor da capela de Santa Maria sita no castelo de Longroiva e que mais não fazem que vincar o modelo mais seguro e conhecido dos enterramentos à sombra tutelar de um templo. Em conclusão, os enterramentos pertencem a um núcleo familiar, que se instalou no aro do actual lugar. Muito provavelmente foram eles os responsáveis pelo arroteamento de uma parte destes terrenos e não nos admiraria que um dos seus suportes económicos, na viragem para o actual milénio, ontem tal como hoje, já fosse o vinho.

<sup>2</sup> BOLÒS, J., e PAGÈS, M., *Les sepultures excavades a la roca*, in "Necròpolis i sepultures Medievales de Catalunya", Actas/Medievalies, ANNEX I, Barcelona, 1982, p. 59-103.

<sup>3</sup> BARROCA, Mário Jorge, *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (séc. X a XV)*, Polycopiado FLUP, 1987, p. 128-129.

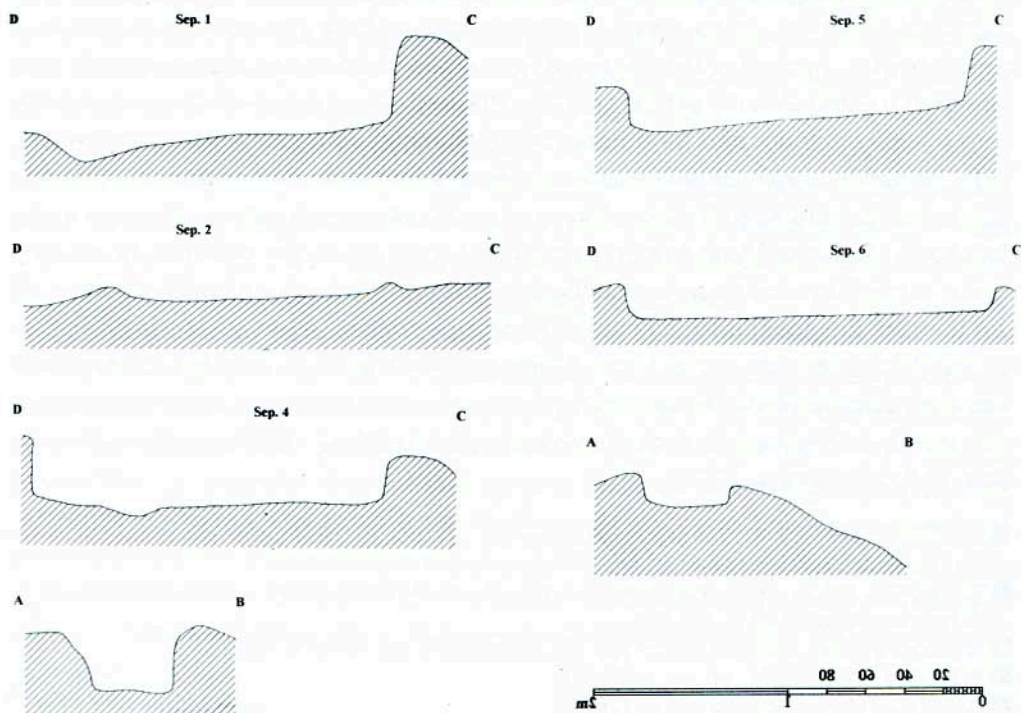
<sup>4</sup> BARROCA, Mário Jorge, *ob. cit.*, p. 128-129, assinala esta opinião de M. Rui.

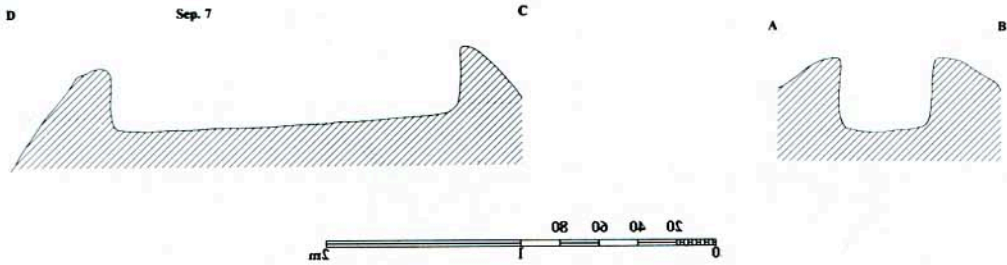
<sup>5</sup> BOLÒS, J., e PAGÈS, M., *ob. cit.*, p. 59-103.

<sup>6</sup> BARROCA, Mário Jorge, *ob. cit.*, p. 128-129.

O conjunto tumular do planalto da Sapata é formado por sete sepulturas cavadas num afloramento granítico do tipo grão grosso. O sítio onde elas se encontram, é uma zona de vinhedos distribuídos por pequenas propriedades divididas por muros de pedra solta. Estes terrenos são atravessados por um caminho que parte da povoação e corta o planalto no sentido Nascente-Poente. É em pleno leito deste caminho que se encontram as sepulturas n° 2 e 3 e, na berma, junto à entrada de um dos prédios, a n° 1 que está parcialmente escondida por alguns carrascos (Fig. 1). As restantes, isto é, as n° 4, 5, 6 e 7 estão do lado oposto, no interior de uma propriedade (Fig. 1), a escassos metros das restantes, só que meio escondidas pelos arbustos que aí crescem e pelas amendoeiras que ponteiavam as bermas da vinha. Para além destas, é natural que haja outras sobre as pedras que formam os muros que ladeiam o caminho ou mesmo no afloramento que no interior da propriedade não se encontra totalmente limpo de terras, ervas e folhas caídas.

Das sete sepulturas conhecidas, nem todas estão bem conservadas. A n° 3, que se encontra em pleno leito do actual caminho – este já sofreu mais que uma variação no seu traçado – foi arrancada por uma máquina e arrumada para um canto, onde se encontra actualmente em posição contrária. A n° 2, simplesmente aflorada (Fig. 1), talvez nunca tenha sido totalmente escavada, podendo-se quase que dizer o mesmo da n° 6, que tem uma profundidade que varia entre os 14 e os





20 cm. Pouco, é certo, para um enterramento, mas temos de recordar o erosionamento da rocha, o seu adiantado estado de desagregação, mais evidente em certos pontos onde esta sepultura foi cavada. Eis as medidas de cada uma delas:

<b>Sep. 1</b>	<b>Sep. 2</b>	<b>Sep. 3</b>	<b>Sep - 4</b>
C - 1,78m	C - 1,38m	C - ?	C - 1,82m
L - 0,60m	L - 0,40m	L - ?	L - 0,50m
PC - 0,42m	PC - 0,04m	PC - ?	PC - 0,22m
PP - 0,60m	PP - 0,06m	PP - ?	PP - 0,34m
<b>Sep. 5</b>	<b>Sep - 6</b>	<b>Sep - 7</b>	
C - 1,80m	C - 1,90m	C - 1,80m	
L - 0,50m	L - 0,50m	L - 0,48m	
PC - 0,28m	PC - 0,14m	PC - 0,34m	
PP - 0,23m	PP - 0,20m	PP - 0,32m	

**Siglas utilizadas:**

C = Comprimento ■ L = Largura ■ PC = Profundidade da cabeceira ■ PP = Profundidade dos pés

De todas elas, a única que possui sinais de antropomorfismo é a n° 7 que é um pouco incipiente, mas a tentativa de definir uma cabeceira e uns ombros de tipo arredondado confere-lhe uma tipologia que está a meio caminho entre o tipo C e o F de Bolòs e Pagès<sup>7</sup>. As restantes, com as extremidades a tenderem para o arredondado e com a parte da cabeceira mais larga que os pés, encaixam-se, e bem, no tipo C dos referidos investigadores.

Nesta relativa uniformidade estilística – desconhecemos qual a tipologia da n° 3, que está voltada –, a única nota dissonante está na n° 1. Ao contrário das demais, apresenta um peculiar tratamento dos pés, com um encaixe próprio para cada um, numa espécie de antropomorfismo em sentido contrário. Ao invés do usual, não era a cabeça, mas os pés que ficavam imobilizados.

João M. Viana Antunes/Pedro Baère  
(GEHVID)

